



Padre António Vieira

Uma recolha bibliográfica

**Apoio curricular à disciplina
de Português do Ensino Secundário**

Padre António Vieira

uma recolha bibliográfica

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário

Ficha técnica

Seleção local: Esmeralda Rodrigues e Paulo Melo

Seleção web: Isabel Bernardo

Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

Imagem de capa: retrato do Padre António Vieira.
Século XVII. Autor desconhecido.

Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede
2018

Padre António Vieira. Uma recolha bibliográfica by Biblioteca Escolar Clara Póvoa is licensed under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional License.

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Português, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Português do Ensino Secundário* apresentam dois tipos de recurso:

- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial ou requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online*.

Por sua vez, as fontes selecionadas, organizam-se de acordo com a seguinte estrutura:

- dos autores (fontes primárias)
- sobre os autores (fontes secundárias)
- contextos (sobre a época histórica — informação e ficção).

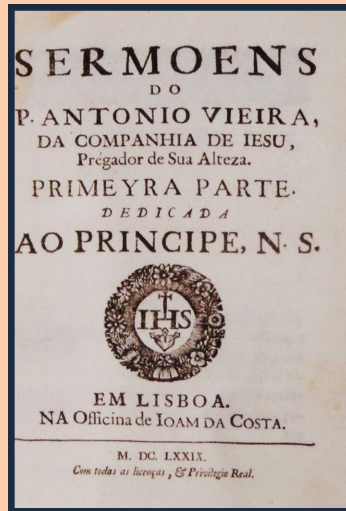
À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas podem ser atualizadas.

Boas pesquisas!

Biblioteca Nacional de Portugal

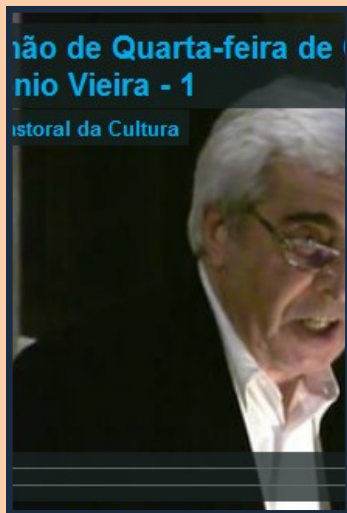
Obras digitalizadas do Padre António Vieira.

[O acesso às obras carece da instalação atualizada do Java]



Clique na imagem para aceder ao link.

Os textos



Clique na imagem para aceder ao link

Excertos da leitura do Sermão de Quarta-feira de Cinzas, do P. António Vieira, lidos pelo ator Luís Miguel Cintra na Igreja de Santa Isabel (Lisboa), a 4 de Março de 2010.

*1.ª parte: Duas coisas prega hoje a Igreja a todos os mortais, ambas grandes, ambas tristes, ambas temerosas, ambas certas. Mas uma de tal maneira certa e evidente, que não é necessário entendimento para crer; outra de tal maneira certa e dificultosa, que nenhum entendimento basta para a alcançar. Uma é presente, outra futura, mas a futura vêem-na os olhos, a presente não a alcança o entendimento. E que duas coisas enigmáticas são estas? *Pulvis es, tu in pulverem reverteris*: Sois pó, e em pó vos haveis de converter. Sois pó, é a presente; em pó vos haveis de converter, é a futura..*

Os textos



Clique na imagem para aceder ao link

Sabia Cristo (diz S. João) que «era chegada a sua hora de passar deste Mundo ao Padre»: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*. Sabia que «tinha depositado em sua mão os tesouros da onnipotência e que de Deus viera e para Deus tornava»: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus, et quia a Deo exivit, et ad Deum vadit*. Sabia que entre os doze que tinha assentados à sua mesa, estava um que lhe era infiel, e que «o havia de entregar a seus inimigos»: *Sciebat enim quisnam esset qui traderet eum*. Até aqui mostrou o Evangelista a sabedoria de Cristo. De aqui adiante continua Cristo a mostrar a ignorância dos homens. Quando S. Pedro não queria consentir que o Senhor lhe lavasse os pés, declarou-lhe o Divino Mestre a sua ignorância, dizendo: *Quod ego facio, tu nescis*: «O que eu faço, Pedro, tu não o sabes.» Depois de acabado aquele tão portentoso exemplo de humildade, tornou a se assentar o Senhor, e voltando-se para os Discípulos, disse-lhes...

Projeto Vercial. (s/d). *Padre António Vieira*. Disponível em <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/vieira.htm>



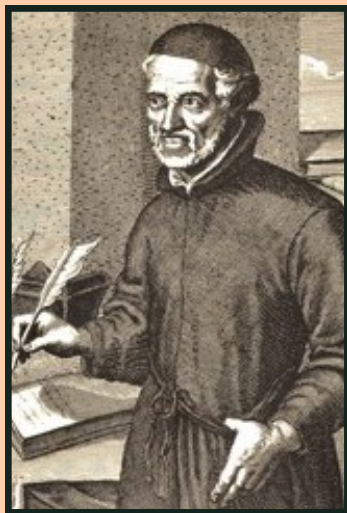
Clique na imagem para aceder ao link

A leitura da sentença, sexta-feira 23/12/1667, na Sala da Inquisição, demorou duas horas e um quarto, no dia seguinte a mesma foi lida no Colégio. O réu, por motivos de saúde, foi autorizado a abandonar a sua reclusão no Colégio de Coimbra e a ir para a Casa do Noviciado de Lisboa. Por súplica do provincial da Companhia de Jesus, dirigida ao Santo Ofício, foi solicitada a anulação e perdão das penas que lhe foram impostas. Este pedido foi aceite por despacho do Conselho Geral do Santo Ofício, de 12/06/1668. A 30/06/1668, o réu foi chamado à Casa do Despacho da Inquisição de Lisboa, onde lhe foi comunicado o respetivo perdão e assinou o seu termo.

Em Agosto de 1669, o padre António Vieira partiria para Roma com licença do Rei.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo. (2015). *Padre António Vieira nos cárceres da Inquisição. Exposições virtuais*. DGLAB. Disponível em <http://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/padre-antonio-vieira-nos-carceres-da-inquisicao/>

Sobre os textos



Clique na imagem para aceder ao link

Entre as figuras maiores do pensamento português do século XVII conta-se certamente António Vieira, com uma vasta obra que dele fez um moralista, um político e um filósofo da história, tudo coberto pelo manto omnipresente da arte retórica.

Como moralista, sublinhou as virtudes do estoicismo, sobretudo de Séneca a quem seguiu de perto, servindo-lhe o filósofo estóico como padrão de aferição do desconcerto do seu mundo, a que tantas vezes se referiu com as metáforas do jogo, da loucura e do sonho, temas muito enfatizados pela cultura barroca, tal como já sucedera com Gil Vicente, Camões ou Amador de Arrais, que tiveram no desconcerto do mundo um tópico essencial de expressão do seu descontentamento.

O que estava então em causa, para Vieira em particular, era a consciência do aumento do ritmo de encadeamento dos fenómenos no tempo, levando a uma desestruturação rápida e estonteante dos «lugares naturais», transformando a sociedade num teatro e a vida numa comédia, com a constante alteração dos papéis que a cada um é dado representar.

Calafate, Pedro (s/d). *A mundividência de António Vieira*. Instituto Camões. Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/ren18.html>

Sobre os textos



Clique na imagem para aceder ao link

Religioso, filósofo, diplomata e escritor, é também considerado um dos maiores oradores portugueses. O jesuíta padre António Vieira (1608-1697) mostrou-se contrário à ação da inquisição. Fernando Pessoa chamou-lhe o “Imperador da Língua Portuguesa”.

É considerada uma das mais influentes personagens portuguesas do seu tempo.

Foi homem de confiança de D. João IV que o enviou pela Europa com importantes missões diplomáticas. Orador privilegiado, os seus sermões atraíam multidões em Lisboa.

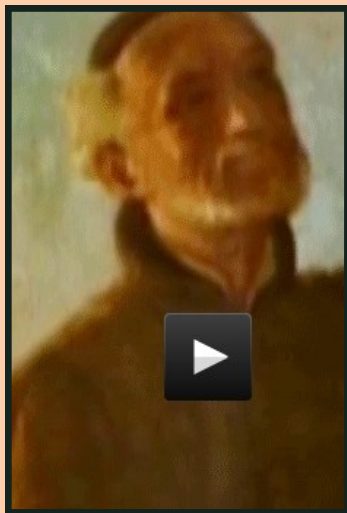
Foi missionário no Brasil onde defendeu os direitos dos indígenas combatendo a sua exploração e escravização. Era também anti-esclavagista.

Defendeu ainda os judeus e a abolição da distinção entre cristãos novos e velhos.

Mal compreendido e alvo de ódios diversos, regressou ao Brasil, onde tinha vivido em criança, e onde faleceu.

Forte, Nuno (1991). *Padre António Vieira, o imperador da língua portuguesa*. RTP Ensina. Disponível em <http://ensina.rtp.pt/artigo/padre-antonio-vieira-o-imperador-da-lingua-portuguesa/>

Sobre os textos



Clique na imagem para aceder ao link

O "Sermão de Santo António aos Peixes" foi pregado no Maranhão, Brasil, em 13 de Junho de 1654, dia de anos de Santo António. Foi a metáfora utilizada pelo padre António Vieira contra a desumanidade com que os colonos portugueses tratavam os índios. O sermão trata de um assunto intemporal: a variedade enorme de peixes que existem, o que fazem para se comerem uns aos outros e a sua ambição de poder.

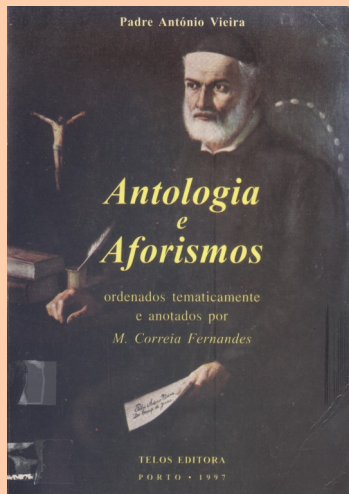
No século XVII, enquanto todos procuravam estrelas e planetas, o padre António Vieira procurou o mar para falar da espécie humana e do Brasil do seu tempo, onde os colonos escravizavam os nativos, e os homens se "devoravam uns aos outros".

O "Sermão de Santo António aos Peixes", inspirado em de Santo António de Lisboa, defensor dos pobres, é uma alegoria da alma humana, dos seus vícios e virtudes e, sobretudo, a defesa da humanidade nas relações entre os homens.

António Vieira nasceu em Lisboa e partiu ainda criança para o Brasil. Estudou num colégio de jesuítas, tornando-se um aluno brilhante. Ingressou na Ordem de Jesus...

RTP Ensina (2009). O sermão de Sto António aos peixes de *Padre António Vieira*. RTP Ensina. Disponível em <http://ensina.rtp.pt/artigo/sermao-de-sto-antonio-aos-peixes-de-pdre-antonio-vieira/>

Sobre os textos



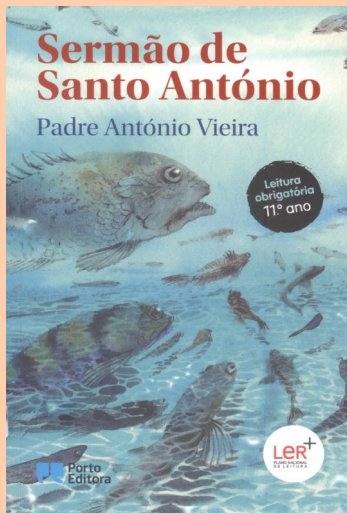
Cota: 821.134.3-5 VIE

Os textos

Fábula tem duas significações: quer dizer fingimento e quer dizer comédia; e tudo são muitas pregações deste tempo. São fingimento, porque são subtilezas e pensamentos aéreos, sem fundamento de verdade; são comédia, porque os ouvintes vêm à pregação como à comédia; e há pregadores que vêm ao público como comediantes. Uma das felicidades que se contava entre as do tempo presente era acabarem-se as comédias em Portugal; mas não foi assim. Não se acabaram, mudaram-se; passaram do teatro ao púlpito. Não cuideis que encareça em chamar comédia a muitas pregações das que hoje se usam. (...)

Se serviste a pátria, que vos foi ingrata, vós fizestes o que devíeis, ela o que costuma. (pp. 23-188)

Vieira, Padre António (1993). *Antologia e aforismos*. Porto: Telos Editora.



Cota: 821.134.3-5 VIE

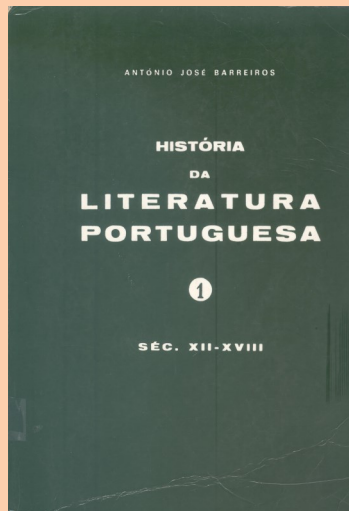
Os textos

O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? (...)

Vejo, peixes, que pelo conhecimento que tendes das terras em que batem os nossos mares, me estais respondendo e convindo, que também nelas há falsidades, enganos, fingimentos, embustes, ciladas e muito maiores e mais perniciosas traições. E sobre o mesmo sujeito que defendeis, também podereis aplicar aos semelhantes outra propriedade muito própria; mas pois vós a calais, eu também a calo. Com grande confusão, porém, vos confesso tudo, e muito mais do que dizeis, pois o não posso negar. (pp. 5-58)

Vieira, Padre António (2014). *Sermão de Santo António*.

Porto: Porto Editora.



Cota: 80(09) BAR

Sobre os textos

1. As partes do discurso

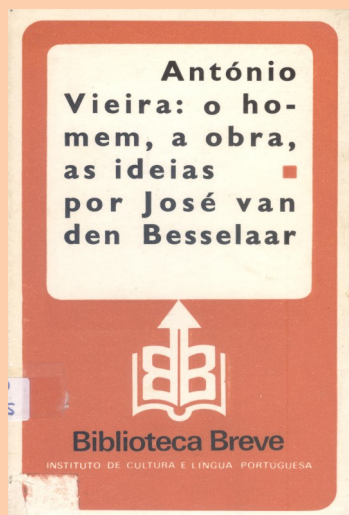
O discurso clássico divide-se ordinariamente em três partes principais: exórdio, confirmação e peroração.

O exórdio é a indicação sumária do assunto ao auditório, cuja atenção e benevolência se pede. Quando o orador dispensa o exórdio e entra na matéria de rompanete, sem mais preâmbulos, o discurso diz-se ex abrupto.

A confirmação é a exposição, divisão, desenvolvimento e demonstração do assunto indicado.

A peroração é o remate do discurso, geralmente com palavras que calam no sentimento dos ouvintes e os deixam concentrados na matéria exposta e nas... (p. 506)

Barreiros, António José (1992). *História da literatura portuguesa* (15.^a ed., Vol.1). Braga: Bezerra Editora.



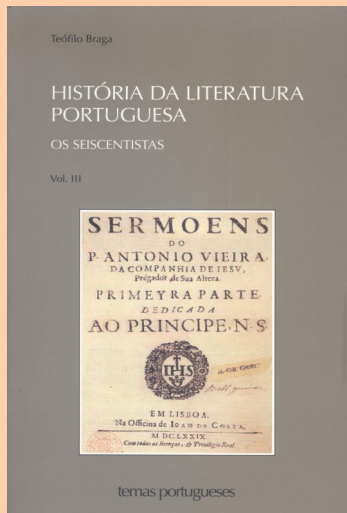
Cota: 80 BES

Sobre os textos

Ensinado mas não quebrado pelas experiências da sua vida turbulenta, António Vieira lançou-se imediatamente ao trabalho no Maranhão, com a energia habitual. O seu espírito não perdera nem a elasticidade nem inventividade, continuando a ser polémico e combativo. Multiplicando-se, desenvolveu inúmeras actividades a favor dos indígenas, que lhe deram o honroso apelido de Paiaçu, isto é, 'Pai Grande».

Dirigia os trabalhos dos confrades, na sua qualidade de superior. Fazia extensas e incómodas viagens pelo rio Amazona para visitar as aldeias, onde baptizava, confessava e dirigia as cerimónias religiosas. Aprendia os idiomas das diversas tribos índias, tomando-se capaz de escrever um conciso catecismo em seis línguas diferentes.

Besselaar, José Van den (1981). *António Vieira: o homem, a obra, as ideias*. Lisboa: I.CLP - Ministério da Educação e Ciência



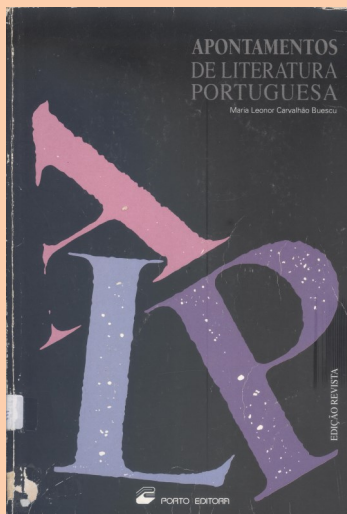
Cota: 80(09) BRA

Sobre os textos

Tendo o P.e Vieira nascido a 6 de Fevereiro de 1608 e falecido a 18 de Julho de 1697, abrange a sua existência activa quase todo o século XVII, o século bem caracterizado pelas grandes sínteses filosóficas do *bacanismo* e do *cartesianismo*, da criação das academias científicas, e da diplomacia. O julgamento de Vieira faz-se perante este quadro; em que cooperou ele? Despendeu a sua actividade nas estéreis intrigas políticas em que muito prejudicou a combalida autonomia da nação portuguesa. Com a sua fantasia e subtiliza do pensamento, com a facilidade improvisadora, como profissional da retórica fez no século XVII sermões com a mesma fé com que na época do parlamentarismo encheria as sessões com discursos taquigrafados no diário das... (p. 435)

Braga, Teófilo (2005). *História da literatura portuguesa* (3.ª ed.). Lisboa:

INCM



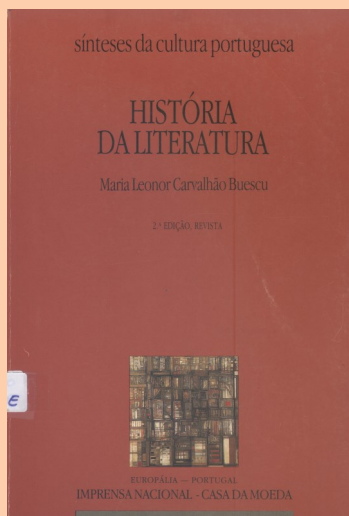
Cota: 80 BUE

Sobre os textos

Vejamos, seguidamente, as principais características do estilo de Vieira, ao qual, antes de mais, atribuiremos as qualidades que a estilística estabeleceu para a boa linguagem, isto é, pureza, correcção, clareza, precisão, ordem e propriedade:

- Raciocínio formalmente lógico, de modo que se pode por vezes reduzir o conteúdo essencial de um sermão a um verdadeiro silogismo; Deus castiga os injustos; Deus castiga os Portugueses: logo, os Portugueses são injustos (Sermão dos Escravos);
- demonstração do conceito que pretende impor ao auditório pela evidência;
- recurso a afirmações categóricas inadmissíveis que depois conduzirão os ouvintes à... (p. 109)

Buescu, Maria Leonor Carvalhão(1993). *Apontamentos de literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora.



Cota: 80 BUE

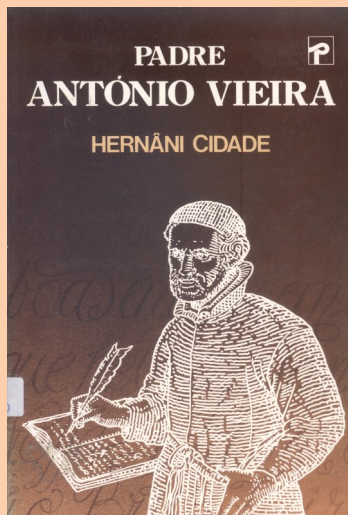
Sobre os textos

A sua obra inscreve-se em três tópicos: luta contra a escravatura; consolidação da recém-recuperada independência política; utopia universal, corporizada no sonho do Quinto Império. (...)

Paradoxal e contraditória, a sua obra é um espaço de meditação que desde logo se metamorfoseia num discurso visionário e profético sem que, todavia, perca de vista o recorte da realidade histórica e conjuntural. Tem como referentes, respectivamente uma «utopia», ou, melhor, uma «certa utopia», e a missão social que ela assumirá.

Aí nos parece que se encontra o elo de articulação entre a visão profética, utópica e doutrinária da História do Futuro e a grande missão social que encontra um discurso... (p. 59)

Buescu, Maria Leonor Carvalhão (1994). *História da literatura* (2.ª ed.). Lisboa: INCM.



Cota: 80 CID

Sobre os textos

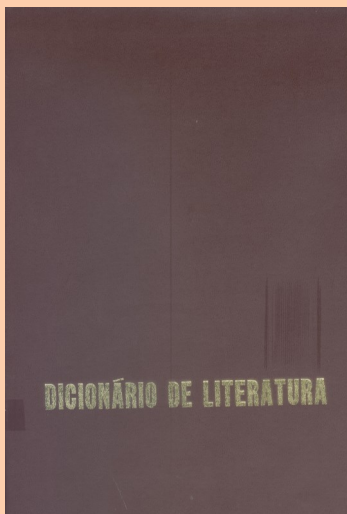
Eis que um dia 13 de Junho de 1654 toma a ofensiva pregando o célebre Sermão de santo António aos Peixes.

É uma bela sátira, a mais bela e audaciosa que se haja dardejado do púlpito. Diz-se que estava este posto fora da igreja, lá de onde, para além do mar das cabeças dos ouvintes, o orador via as ondas do oceano, tão inconstantes e agitadiças como elas.

Não se singularizava essa peça satírica apenas pela circunstância de ser preferida do púlpito. (...)

O colonial roncador, o colonial pegador, e o voador, e o camaleão, e mais todos os que uns aos outros se comiam, tanto como os peixes do mar e os índios da selva, ficaram de certo subjugados pela maravilhosa... (p. 61)

Cidade, Hernâni (1985). *Padre António Vieira*. Lisboa: Presença.



Cota: 80(038) COE

Sobre os textos

P.e António Vieira. O mais admirável pregador sacro português, insigne prosador, além de personalidade vigorosa, complexa até parecer enigmática, onde alternam e, vendo bem, se conciliam o idealismo utópico, sebastianista, e o homem de acção, que, astucioso e dúctil, se adapta com realismo político às circunstâncias. O virtuosismo dialéctico dos sermões, o visível desejo de provocar o espanto pelo triunfo da lógica aparente, nessa personalidade exuberante, proteica, a sinceridade do missionário, entregue à sua faina com ardente espírito apostólico, e do paladino dos direitos humanos, e do patriota empenhado em segurar a conservação dum Portugal independente, aquém e além-mar, na época difícilíssima da restauração. Aliás, em mentalidade como a de Vieira, de feição... (p. 1173)

Coelho, Jacinto Prado (1976). *Dicionário de literatura* (3.ª ed.).

Porto: Figueirinhas.

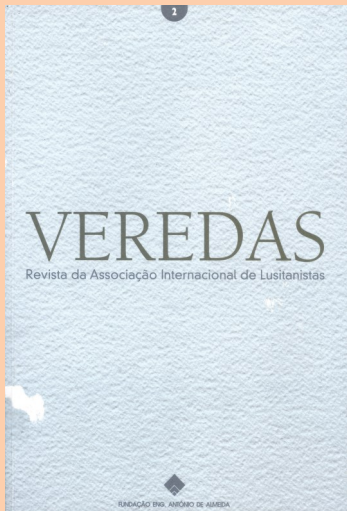


Cota: 82-82 FER

Nos seus sermões não faúlha apenas um espírito enamorado de aplausos; freme uma grande, complexa alma de apóstolo cristão – e orientador político. Deixou a contemplação mística para o P.e Manuel Bernardes. Abandonou a Fr. Domingos de S. Tomás, o dominicano seu contraditor, a supremacia na pirotecnia retórica. E, instalando o púlpito no centro da vida nacional, fez dele frequentemente cadeira de conselheiro da Coroa ou deputado às Cortes, capaz de juízos destemidos e severos, como da exaltação do espírito patriótico, sem deixar de ser, por momentos, alta cátedra de apóstolo cristão, profligando os vícios que a sua experiência de padre e homem público tão bem conhecia. (p. 321)

Sobre os textos

Ferreira, M. Ema Tarracha (s/d). *Textos literários: séculos XVII e XVIII*,. Lisboa: Editorial Aster.



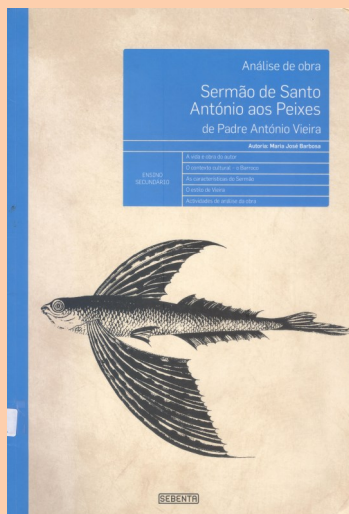
Cota: 80 MAC

Sobre os textos

Apesar de prosseguir na tradição da *oratio* clássica, as obras de António Vieira atualizaram as técnicas estilísticas, a temática e a forma da exegese do discurso teologal que, objetivando abrir o sagrado livro e desatar os seus selos, concebia as Sagradas Escrituras dotadas de quatro sentidos: o literal, o alegórico, o normal e o anagógico.

O “discurso teologal”, segundo Antoine Compagnon, desenvolveu-se entre o primeiro e o décimo segundo séculos da nossa era, compreendendo a exegese escriturária dos primitivos padres. Englobou o pensamento da Patrística e pensamento Catenário até o surgimento da Escolástica, estruturou-se a partir da repetição e, mais que qualquer outro discurso,

Macedo, Helder (1999). *Veredas*.
Porto: Fundação Eng. António de Almeida.

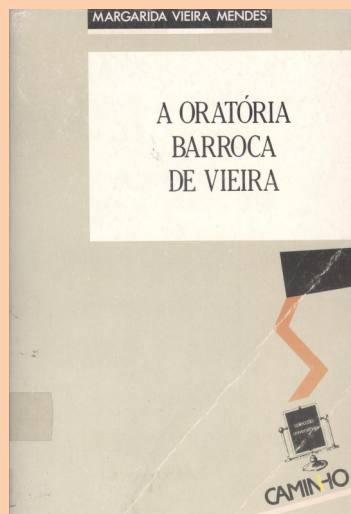


Cota: 80 MEN

Sobre os textos

O Padre António Vieira era um homem essencialmente fadado para comunicar oralmente, mas não podemos ignorar o seu poder criativo, as virtualidades plásticas da sua escrita, de intenso visualismo e da sua riqueza expressiva e argumentativa, num discurso tantas vezes em jeito de teia, muito bem urdido e manhosamente tecido. Parece sempre surpreender o leitor com os exemplos que trabalha magistralmente, num estilo analógico, metafórico e alegórico; se por vezes, a frase ganha um traço simples, geométrico e rectilíneo, pode de repente pegar nela, em jeito de *frame*, e manipula-la, em laçadas concêntricas, que se vão alargando, expandindo; a oração principal, ele coloca-a ao centro, e as subordinadas a acompanhá-la em paralelismo e assimetrias, antíteses e segmentos... (p. 65)

Barbosa, Maria José (2008). *Sermão de Santo António aos peixes: análise de obra*. Alfragide: Sebenta.



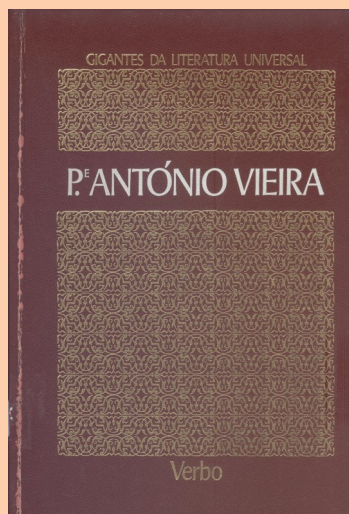
Cota: 80 MEN

Sobre os textos

A verdade é que a referência literária ao autor Padre António Vieira arrasta imediatamente para a memória, senão para a imaginação, a evocação da sua personalidade e do seu destino particular, aberto à especulação e à significação. Dificultoso se torna falar da obra sem que a vida do homem se não venha interpor; mas não a vida de um homem «sem qualidades», antes já a de uma identidade e a de um tipo heróico: o do pregador. Não se pode explicar o biografismo apenas por os sermões serem obras de circunstância: acções verbais aplicadas à ocasião ou tempo (*kairos*), fundadas e actuando sobre um tema do calendário litúrgico, da festa do dia ou da vida política, social, institucional e religiosa num determinado momento. Neles se envolvia a pessoa... (p. 16)

Mendes, Margarida Vieira (1989). *A oratória barroca de Vieira*.

Lisboa: Caminho.



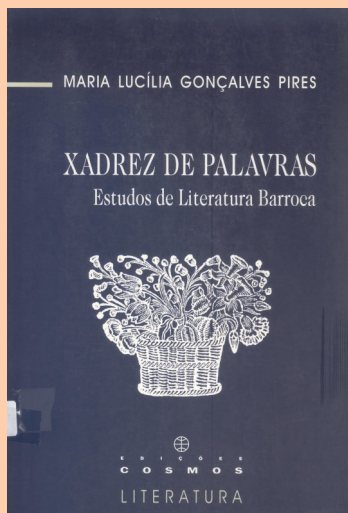
Cota: 80(092) ORL

Sobre os textos

Podia perguntar-se até que ponto os «Sermões» escritos, tais quais os temos agora, corresponde ao que foi pregado realmente. Do que temos a certeza é de que Vieira fala muito, nas suas «Cartas», dos «borrões» dos seus discursos e do trabalho de os «pôr em limpo». É lícito, pelo menos, supor que parte deles terão sido redigidos quando pregados, embora deixasse, muito ou pouco, à improvisação do momento. (...)

A alegoria, o «exemplo» e o espelho... O predomínio da analogia sobre a dedução provém, tanto do ambiente e do gosto generalizado da época, como, mais particularmente, da constituição do espírito profético do orador. Esta levava à interpretação de textos em função da realidade misteriosa a que se ajustasse, ou

Orlandi, Enzo (1972). *Padre António Vieira* (Vol. 13). Lisboa: Verbo.

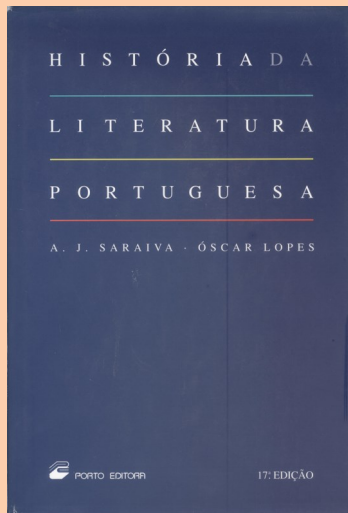


Cota: 80 PIR

Que Vieira escrevesse, ou planeasse escrever, uma arte de pregar, nada teria de surpreendente. Seria apenas uma entre as várias artes de pregar, ou retóricas sagradas, que a sua época produziu, relevante apenas (o que seria muito importante) por ser de Vieira. Sabemos, aliás, as expectativas que a sua promessa criou e a forma como tais expectativas foram ludibriadas. Mas que essa «arte» visasse também o «ouvinte cristão» já seria insólito. Antes de mais, porque nenhuma retórica inclui a codificação do comportamento do auditório. É ao orador que cabe a tarefa de captar e dominar (emocionalmente e racionalmente) os seus ouvintes. Como codificar, então, essa função que é essencialmente passiva: ouvir, receber a palavra de outrem? (p. 89)

Pires, Maria Lucília Gonçalves (1999). *Xadrez de palavras*.
Lisboa: Cosmos.

Sobre os textos



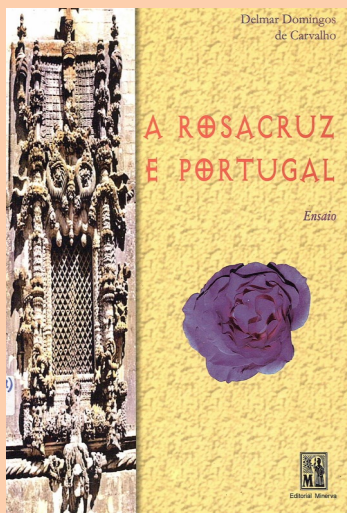
Cota: 80(09) SAR

(Características gerais da obra de V.)

O legado literário de Vieira é enorme, pois compreende cerca de duzentos sermões, mais de meio milhar de cartas, numerosos relatórios, representações, pareceres e outros documentos de natureza política ou diplomática, além de opúsculos religiosos ou de exegese profética, e de defesa perante a Inquisição. A primeira feição característica desta obra reside na sua entranhada ligação com a vida pública: o escritor e o homem de acção são indissociáveis em Vieira, e o mais profundo interesse dos seus escritos deriva justamente disso. Mesmo as peças de oratória sacra intervêm, com frequência de modo aberto, nas questões mais candentes da política brasileira ou metropolitana. É por isso que a eloquência mais persuasiva e o recheio... (p. 519)

Saraiva, A. J. & Lopes, O. (1987). *História da literatura portuguesa* (14.^a ed.). Porto: Porto Editora.

Sobre os textos



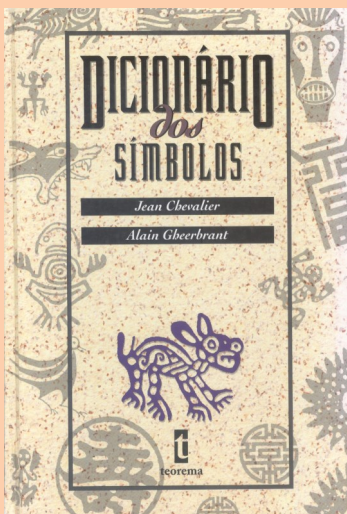
Cota: 94(469) CAR

ConTextos

Este defensor do messianismo, enquadrado na corrente rosacruziana, teve alguns contactos com membros desta escola. Contudo, seguiu sempre os seus ideais, com muita independência.

Tendo Cristo como exemplo, está ao lado dos judeus, vítimas de perseguições, como defende os seus, nossos, irmãos índios no Brasil, daí ser considerado o apóstolo dos índios, ao lado dos injustiçados nas prisões inquisitoriais, que, embora jesuíta, viria a experimentar, tendo escrito ao Papa, conseguiu que houvesse um período de 7 anos em que Portugal esteve livre de actos abomináveis que ele teve conhecimento nas masmorras da Inquisição que nem os divulgamos... (pp. 152-153)

Carvalho, Delmar Domingos de (2007). *A rosacruz e Portugal*. Lisboa: Minerva.



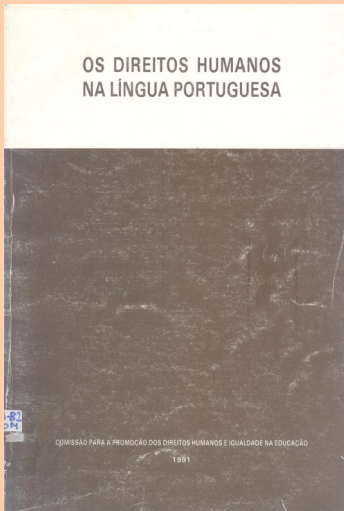
Cota: 80(038) CHE

ConTextos

Símbolo das águas, montada de Varuna, o peixe é associado ao nascimento ou à restauração cíclica. A manifestação produz-se à superfície das águas. Ele é ao mesmo tempo Salvador e instrumento da Revelação. (...) Ora se Cristo é muitas vezes representado como um pescador, em que os peixes são os cristãos, pois a água do baptismo é o seu elemento natural e o instrumento da sua regeneração, ele próprio é simbolizado pelo peixe. (...)

A simbologia do peixe estendeu-se ao cristianismo, com um certo número de aplicações que lhe são próprias, ao passo que as outras interpretações foram evidentemente excluídas. A palavra grega Ichthys (=peixe) foi, com efeito, tomada pelos cristãos como um

Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (1994). *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Teorema



Cota: 821.134.3-82 COM

ConTextos

A PALAVRA E A TERRA

Onde é o Brasil?

Que verdura é o amor?

Quando te condensas, atingindo

O ponto fora do tempo e da vida?

Que importa este lugar

Se todo o lugar

É ponto de ver e não de ser?

E esta hora, se toda a hora

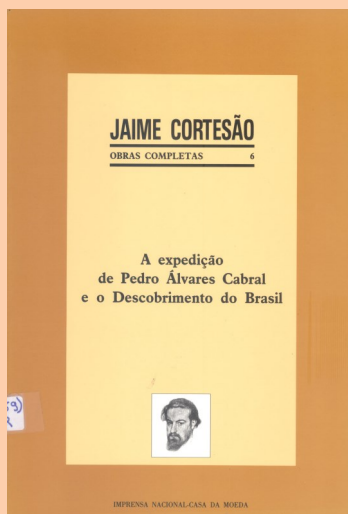
Já se completa longe de sim mesma

E te deixa mais longe da procura?

E apenas resta... (p. 89)

Magalhães, Zita (1991). *Os direitos humanos na língua portuguesa*.

Lisboa: C. P. D. H. I. E..

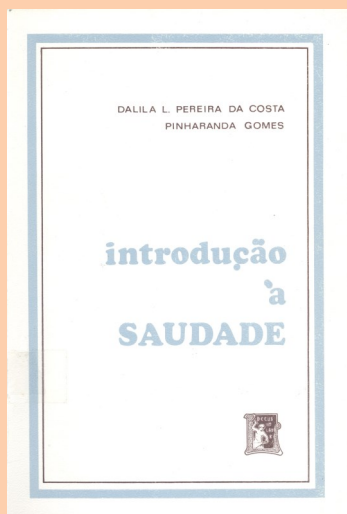


Cota: 94(469) COR

Carta de Pero Vaz de Caminha

Senhor. Posto que o capitan moor d esta vossa frota, e asy os outros capitães, sprevam a Vossa Alteza a nova do achamento d esta vossa terra nova, que se ora nesta navegaçom achou, nom leixarey também de dar d isso minha comta a vossa Alteza, asy como eu melhor poder, ajmda que, pera o bem contar e falar, o saiba pior que todos fazer; pero tome Vossa Alteza minha inoramçia por boa vomtade; a qual bem certo crea, que por boa vomtade; a qual bem certo crea, que por afremmosentar nem afear aja aquy de poer mais ca aquilo que vy e me pareço. Da marinhagem e singraduras do caminho nom darey aquy conta a Vossa alteza, porque o nom saberey fazer, e os pilotos devem teer esse cuidado... (p. 127)

Cortesão, Jaime (1994). *A expedição de Pedro Álvares Cabral e o descobrimento do Brasil*. Lisboa: INCM.



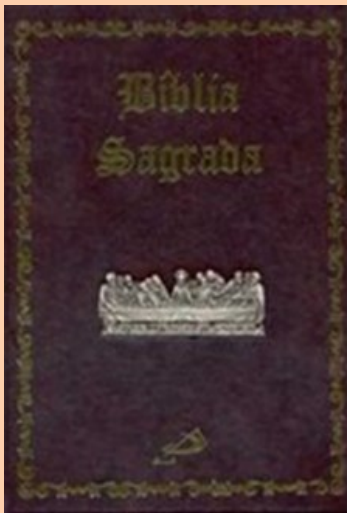
Cota: 80(082) COS

ConTextos

Tal como viram os seus profetas, o Quinto Império, como obra civilizadora de Portugal, será obra espiritual. Para isso urgirá fazer vir à tona, à luz, e usá-los, esses gérmens latentes ou ideias-forçadas matriciais que nele têm jazido escondido, e que aí já um dia vieram à luz, foram visíveis e actuates na Renascença. (...)

Porque tudo, na cultura portuguesa, será reatado e reassumido nas suas formas primevas, tradicionais, já uma vez reveladas, mas agora fazendo-se, realizando-se num outro seguinte plano, transmutado. Tudo aí então gira em segunda vinda, por ascensão. E tudo se revelará segundo o esquema divino, duma descida sobre a terra por encarnação e duma seguinte subida ao céu, por ascensão. Será esse movimento duplo e uno, o que informa e se revela no vero significado histórico e messiânico da pátria portuguesa. Esse o significado escatológico, porque espiritual, do Quinto Império. (pp. 149, 151)

Costa, Dalila L. P. & Gomes P. (1976). *Introdução à saudade*. Porto: Lello & Irmão.



Cota: 2 COS

(Mateus 5, versículos 13 -16)

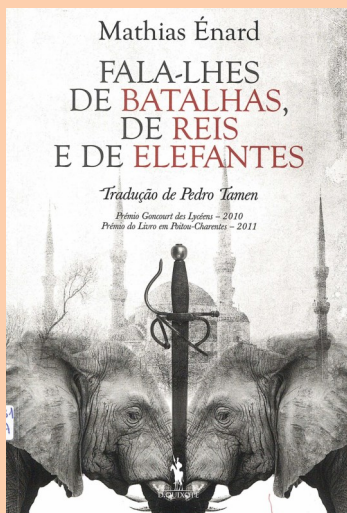
Os Apóstolos, Profetas do Novo Testamento – Vós sois o sal da terra! Ora, se o sal se corromper, com que se há-de salgar? Não seve para mais nada, senão para ser lançado fora e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo: Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte; nem se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas sim em cima do velador, e assim alumia a todos os que estão em casa. Brilhe a nossa luz diante dos homens de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem vosso Pai, que está nos Céus. Não penseis que vim revogar a Lei ou os profetas: Não vim revogá-la, mas completá-la. Porque em verdade vos digo: Até que passem o Céu e a Terra, não... (p. 1293)



Cota: 94(469) COU

A evangelização dos escravos constituiu um foco endêmico de conflitos entre a Companhia de Jesus e os senhores de escravos, devido às críticas dos religiosos ao reduzido número de batismos e casamentos de negros. Estes encontravam grandes resistências por parte dos seus proprietários, sendo minoritário o número daqueles que aprovava a união dos seus trabalhadores de acordo com os ritos católicos. Segundo um historiador norte-americano, o facto de a maioria dos cativos bahianos não se casar cristãmente resultava da «relutância dos Africanos em participar em uniões nos moldes católicos» e no «desejo dos senhores de evitar a interferência externa na administração da escravaria». Em suma, os proprietários mostravam-se geralmente» (p. 326)

Couto, Jorge (1995). *A construção do Brasil* (10.^a ed.). Lisboa: Cosmos.



Cota: 821-31 ENA

ConTextos

Miguel Ângelo grita. É a sétima vez que o torturam. Aplicam-lhe um ferro em brasa sobre as pernas; a dor não o deixa sentir o cheiro da carne queimada. Arrancam-lhe com uma pinça a extremidade de um seio, farrapos de pele das coxas, dos ombros; partem-lhe o braço esquerdo com um martelo. Perde os sentidos.

Reanimam-no atirando-lhe baldes de água gelada.

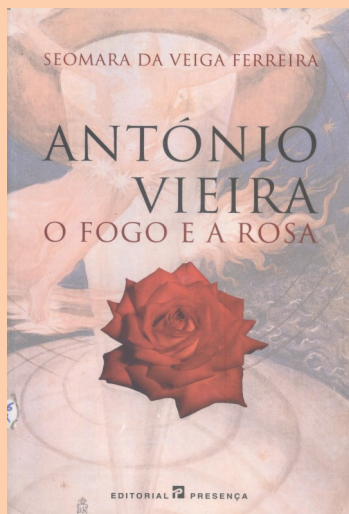
Geme.

Implora a Deus e aos seus torcionários.

Deseja morrer, e não o deixam morrer, o inquisidor deita-lhe ácido nas feridas e ele grita outra vez, o seu corpo é apenas uma imensa câibra, um arco tenso de sofrimento.

Já não consegue gemer, cegou, está tudo escuro, tudo é dor, tudo é zumbido. (p. 79)

Énard, Mathias (2017). *Fala-lhes de batalhas, de reis e de elefantes* (5.^a ed.). Alfragide: Dom Quixote.

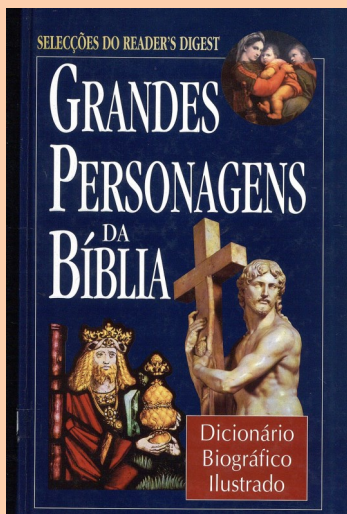


Cota: 821.134.3-311.6 FER

ConTextos

Quando atingiu o Terreirinho, dirigiu-se à grande Casa da Companhia e bateu à porta. Um irmão noviço atendeu-o e Bento explicou ao que vinha. Ela deu-lhe entrada para uma espécie de claustro onde vicejava um jardim frondoso, apesar dos rigores de Janeiro. Encaminhou-o para a ala norte. Pouco depois batia num postigo, descerrava a porta e fez-lhe sinal de passagem. Bento de Castro divisou ao fundo, junto à ténue claridade da janela, um vulto escuro, esguio, onde sobressaía a brancura prateada pelos reflexos da luz do fim da manhã, de uma cabeleira já enfraquecida mas levemente ondulada nas fontes e sobre as orelhas. Uma barba também branca ornamentava aquele rosto sereno e ainda belo na sua vetusta nobreza. Era ele. O grande homem. O amigo, por quem.... (pp. 17-18)

Ferreira, Seamora da Veiga (2002). *Antônio Vieira o fogo e a rosa*. Que-luz de Baixo: Presença.



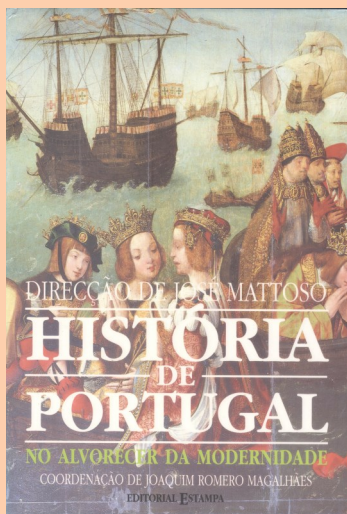
Cota: 2(038)(092) GRA

ConTextos

Jesus sabia muito bem que tipo de pessoa era Judas. «Não fui eu que vos escolhi a vós, os doze», disse ao círculo restrito, numa altura em que estava a perder muitos dos seus adeptos, «e um de vós é o demónio?» Apesar disso, a Judas foi atribuída um posição de certa importância, a de tesoureiro do grupo, embora provasse ser desonesto tirando dinheiro para si. Na Última Ceia, Judas estava sentado num lugar importante, suficientemente perto de Jesus, que lhe deu um bocado de pão molhado num prato comum, como sinal de que era o traidor. Antes ele «afastou-se, para ir para o seu lugar», porém, «Judas serviu o Ministério apostólico» de Jesus. Parece assim ter sido um indivíduo promissor quando escolhido e de se ter distinguido de certo modo como chefe entre os 12. (p. 79)

Seleções do Reader's Digest (1997). *Grandes personagens da Bíblia*.

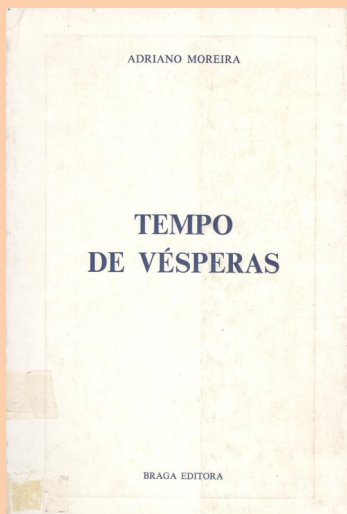
Lisboa: Seleções.



Cota: 94(469) MAT

SE QUANTO AOS AFRICANOS poucas vozes se levantaram contra a escravização - «contra a justiça, a razão, e contra toda a humanidade» sopram os bispos nas Cortes de 1562-1563 (Santarém, Provas, parte II, 1828,p.61) - , já quanto aos «saltos» para apanhar índios no Brasil os jesuítas procuram persistentemente impedi-los. Preferem a conversão e arrebanhá-los em aldeamentos. Às vezes desesperam, quando as suas boas intenções são desmentidas. O padre Manuel da Nóbrega perde mesmo a serenidade quando sabe que o gentio caité comeu o bispo (Nóbrega, 1988, pp. 177-218). A igreja, em geral, apenas se incomodava até ao baptismo e com a imposição da monogamia. Lá ia, no entanto, fazendo acolher esses violentados nas confrarias de Nossa Senhora do... (p. 470)

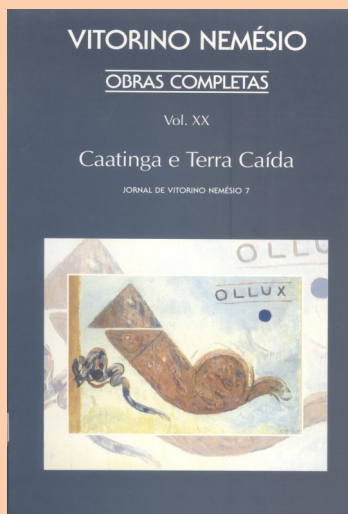
Mattoso, José (1993). *História de Portugal: no alvorecer da modernidade* (Vol. 3). Lisboa: Estampa.



Cota: 821.134.3-92 MOR

De repente, no auge da capacidade das cidades ricas, os observadores descobrem, com desagrado, a outra face. Os deserdados pela cor, pela religião, pela origem, por não se sabe o quê, batem o pé. Identificam-se como pobres. São milhões de pobres, instáveis, como que errantes, doentes por não terem um estado social. As sociedades afluentes sentem-se como se, no seio de uma igreja, tivessem descoberto uma heresia. E uma ameaça de novas vésperas sicilianas de outro sinal. Não é fácil encontrar um Estado que reclame uma missão que o transcenda. Fazer cristandade, foi uma opção honrosa no passado. Aumentar, em proporções que surpreendam, o produto nacional, é a ambição estimulante das sociedades de consumo. Mas lá estão os pobres. Assim como o incrédulo não tinha salvação, assim o pobre recebe a sua condenação. Despedem-no. Foi uma qualificação moral que...(pp. 41-42)

Moreira, Adriano (1978). *Tempo de vésperas* (2.^a ed.). Braga: Braga Edições.



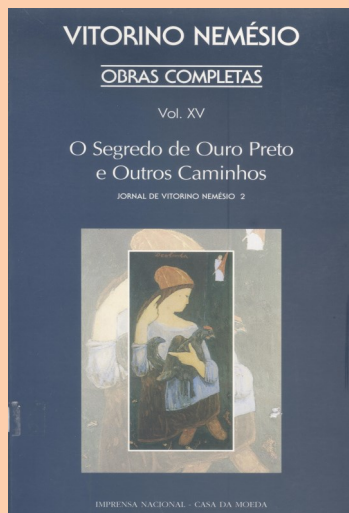
Cota: 821.134.3-94 NEM

ConTextos

É achar terra com o sortilégio da Bahia. Estas palavras cansam, de puro repetidas, e até se lhes perde o sentido que tinham na fonte. «Sortilégio» é escolha de sortes: magia ou mandinga. Por esta última palavra responde uma das raízes Bahianas: a raiz negra, ainda rija e vivaz num fundo de população apartado e endogâmico por um lado, enquanto que pelo outro se foi combinando com genuíno sangue branco e com tudo o que ele traz de preferência.

Os próprios núcleos nagô, angolano e guinéu se aculturaram na religião; e se é frequente encontrar nas ruas de Salvador uma velha negra com seu «pano da Costa» traçado, - mesmo que a «Costa» não passe da tecelagem algodoeira de São Paulo ou alhures no Brasil, não é menos corrente... (p. 37)

Nemésio, Vitorino (1998). *Caatinga e Terra caída* (2.^a ed., Vol. 20). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

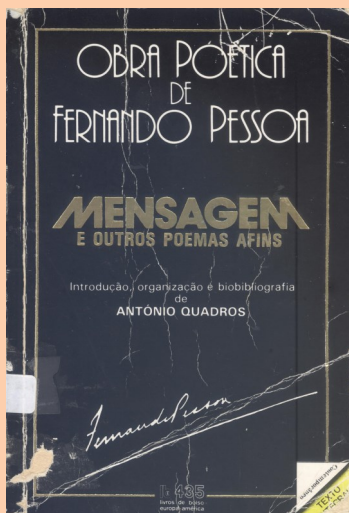


Cota: 821.134.3-94 NEM

O convívio entre portugueses e brasileiros nunca foi, ao mesmo tempo, tão intenso e menos prevenido do que é hoje. Refiro-me sobretudo à relações entre escritores, cientistas e técnicos – ou sejam os homens que, por antecederem os contactos pessoais de presença com trocas de escritos e planos calmamente pensados, objectivos, têm melhores condições para virem a encontrar-se num terreno de trato desbravado. Assim, o «muito gosto em conhecê-lo» da primeira abordagem torna-se, entre intelectuais e homens de acção, das tendências, e de algum modo do feitio do homem que irrompe socialmente no campo do seu semelhante.

Falta apenas, nos texto dos defrontados, essa descarga de fluido mais ou menos simpático que quase sempre decide de um destino social a dois. (p. 47)

Nemésio, Vitorino (1998). *O segredo de ouro preto e outros caminhos* (Vol. 15). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.



Cota: 821.134.3-1 PES

O céu 'strela o azul e tem grandeza.

Este, que teve a fama e à glória tem,

Imperador da língua portuguesa,

Foi-nos um céu também.

No imenso espaço seu de meditar,

Constelado de forma e de visão,

Surge, prenúncio claro do luar,

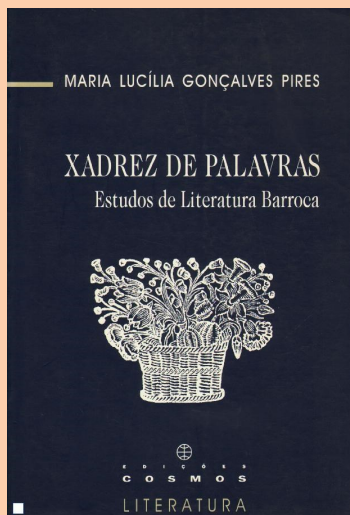
El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz do etéreo.

É um dia; e, no céu amplo de desejo (...) (p. 119)

Pessoa, Fernando (1983). *Mensagem e outros poemas afins* (2.^a ed.).

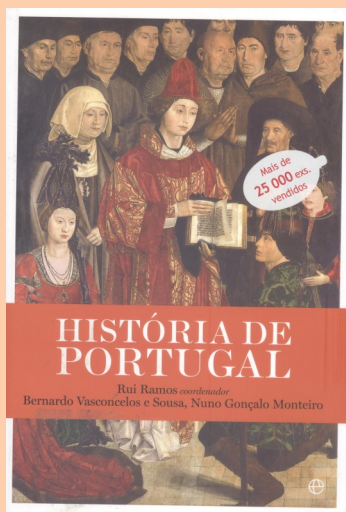
Mem Martins: Europa-América.



Cota: 80 PIR

Que Vieira escrevesse, ou planeasse escrever, uma arte de pregar, nada teria de surpreendente. Seria apenas uma entre as várias artes de pregar, ou retóricas sagradas, que a sua época produziu, relevante apenas (o que seria muito importante) por ser de Vieira. Sabemos, aliás, as expectativas que a sua promessa criou e a forma como tais expectativas foram ludibriadas. Mas que essa «arte» visasse também o «ouvinte cristão» já seria insólito. Antes de mais, porque nenhuma retórica inclui a codificação do comportamento do auditório. É ao orador que cabe a tarefa de captar e dominar (emocionalmente e racionalmente) os seus ouvintes. Como codificar, então, essa função que é essencialmente passiva: ouvir, receber a palavra de outrem? (p. 89)

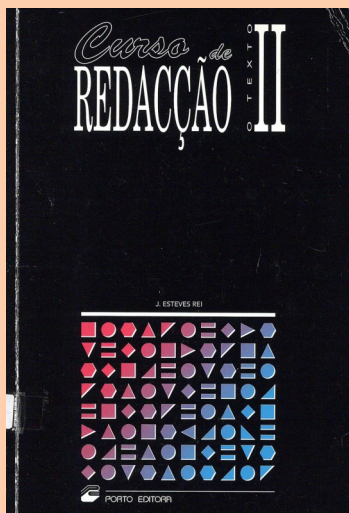
Pires, Maria Lucília Gonçalves (1996). *Xadrez de palavras*. Lisboa: Cosmos.



Cota: 94(469) RAM

Apesar da trégua assinada com a Holanda em Junho de 1641, o governador neerlandês, o conde João Maurício de Nassau, ocupou nesse mesmo ano o Maranhão, cujo governador fora apanhado de surpresa, só depois inaugurando a trégua na América. No mesmo ano, os holandeses conquistaram a costa de Angola até Benguela, onde esperavam garantir o abastecimento de escravos a Pernambuco, e o arquipélago de São Tomé e Príncipe. O início da contra-ofensiva no Atlântico ao ataque holandês deu-se em 1643. Foi uma resposta de uns poucos de senhores de engenho do Maranhão, zona escassamente povoada, que, com as suas forças e a ajuda de moradores do Pará, sitiaram os holandeses na cidade de São Luís do Maranhão. Em Fevereiro de 1644, ao fim de alguns... (pp. 316-317)

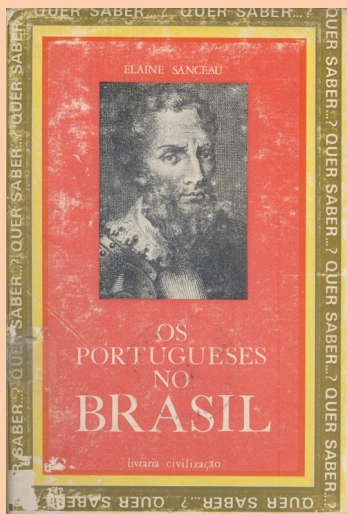
Ramos, Rui (2012). *História de Portugal* (7.^a ed.). Lisboa: A Esfera dos Livros.



Cota: 81 REI

Um argumento é um raciocínio destinado a provar uma afirmação ou, ainda “uma afirmação destinada a fazer admitir outra: ‘Não sou vilã, uma vez que o filho do rei me ama’” Uma argumentação é um conjunto de argumentos interligados com o objectivo de conquistar a adesão de outrem à utilidade, à justiça a ao valor daquilo que defendemos contra aquilo que defende o nosso adversário ou, mais simplesmente, um conjunto de razões a favor ou contra uma opinião ou uma tese.

A atenção à pessoa a quem pretendemos persuadir é, desde Pascal, a chave do sucesso, a perseguir pelo caminho seguinte: “conhecer o seu espírito e o seu coração, os princípios que ela segue, as coisas de que gosta; e, em seguida, observar na coisa de que se trata... (pp. 88-89)

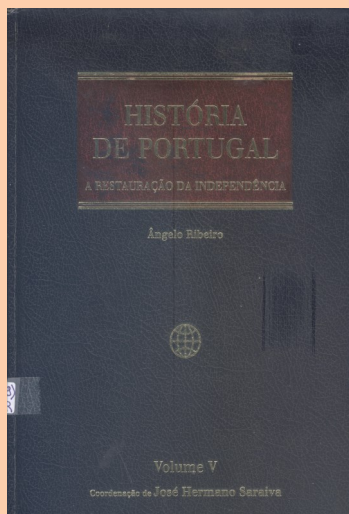


Cota: 94(469) SAN

Foi numa linda tarde de Abril que os portugueses viram pela primeira vez essa terra desconhecida – um dia todo oiro e azul, com aragem deliciosa a suavizar a quentura do sol tropical: «Como um belo dia de Verão na minha terra!» lembrou o minhoto Pero Vaz de Caminha, secretário do capitão. Da tolda da nau olhava extasiado para a cortina verde do denso arvoredado que fechava o horizonte, linha contínua, de quando em quando cortada pela franja de uma palmeira mais alterosa, ou a copa de um guarda-sol de algum gigante da floresta. Tudo tão fresco, verdejante, lavado de luz! Já se vira perspectiva mais bela?

O encontro não fora de todo imprevisto. Dizem que Pedr' Álvares Cabral, capitão-mor das treze naus que em 1500 partiram de Lisboa com destino à Índia, levava regimento para fazer rumo ao sudoeste... (pp. 5-6)

Sanceau, Elaine (1963). *Os portugueses no Brasil*. Porto: Civilização.

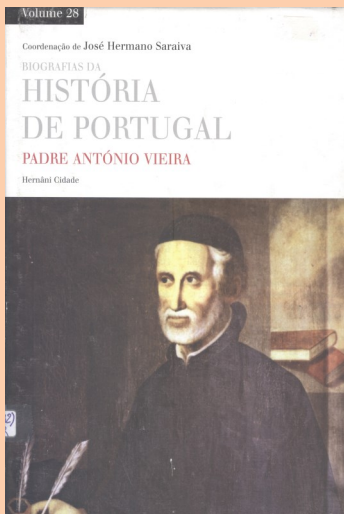


Cota: 94(469) SAR

Entretanto D. João IV entabulara outras relações diplomáticas de largo vulto, mas que, pela imperícia de uns, pelo patriotismo de outros e pelo providencial egoísmo dos estranhos, felizmente não chegaram a bom termo.

No decurso de 1646, o célebre Padre António Vieira, que fora missionário no Brasil e conhecia bem aquela colónia, andou pelas cortes de França e da Holanda, encarregado por D. João IV, seu grande amigo, de missão secreta de magna importância. O jesuíta ia propor ao governo holandês a compra, por 3 milhões de cruzados, dos territórios brasileiros de que se tinha apoderado a Companhia das Índias Ocidentais. Os homens recusaram, não suspeitando o serviço que prestavam a Portugal. Em Agosto do... (p. 68)

Saraiva, José Hermano (2004). *História de Portugal: a restauração da independência* (Vol. 5). Matosinhos: Quidnovi.

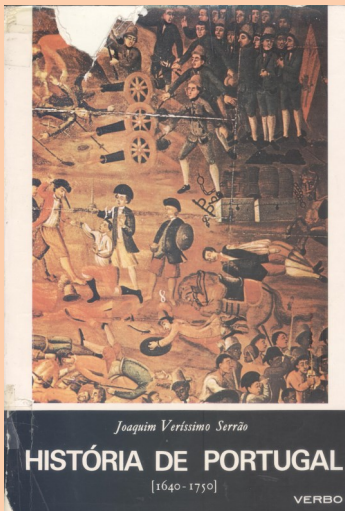


Cota: 94(469)(092) SAR

Vigor, influência natural, graça espontânea, veemência dramática, movimento oratório, encanto lírico, simplicidade de falar vivo, contundência de sátira, finuras de risonha ironia, graciosos jogos de espírito que se desenfada – tudo o leitor encontrará nos Sermões, nas Cartas e outros escritos, tudo lhe mostrará, no orador e no escritor, o domínio das suas virtudes da palavra, como o conhecimento de todas as misteriosas molas psicológicas que elas põem em acção. (...)

Isto bastaria para que o seu nome não pudesse perecer na história literária portuguesa. Mas Vieira garante-lhe a perpetuidade com muito mais do que a maneira da sua expressão – com a substância da humanidade de sempre. (p. 87)

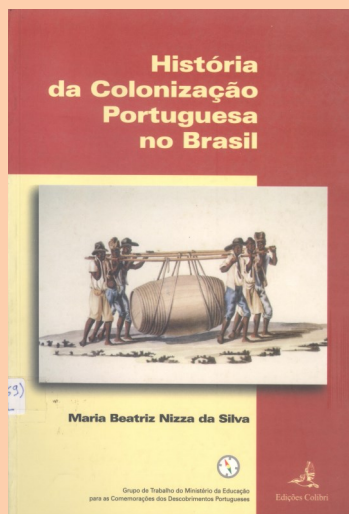
Saraiva, José Hermano (2004). *Biografias da história de Portugal*. Matosinhos: Quidnovi.



Cota: 94(469) SER

Como escrevia o Padre António Vieira, eram «as esperanças de os recuperar não quasi, se não de todo perdidas». A ofensiva constituía a base do novo Brasil holandês que se formara ao norte do rio São Francisco e que em 1641 se contemplou com a conquista de Sergipe del rey, ao sul, e do Maranhão ao norte. (...)

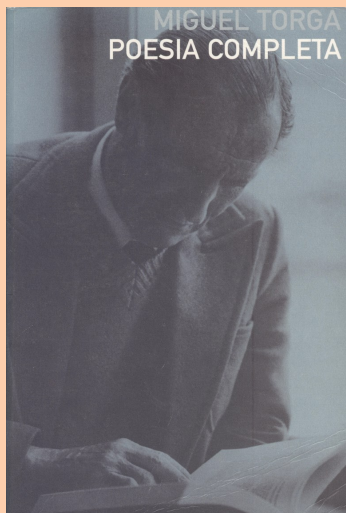
A carta régia a anunciar a Restauração chegou ao Salvador a 15 de Fevereiro de 1641, usando o vice-rei de toda a cautela para não suscitar a hostilidade de um troço de castelhanos alojados na fortaleza. Só quando o bispo, os funcionários, os mercadores e a população foram avisados, se tornou possível aclamar o monarca na Câmara, proceder à cerimónia religiosa na Sé e organizar os festejos populares. No dia 23 seguiram correios para as capitanias do sul, sendo o... (p. 107)



Cota: 94(469) SIL

Os primeiros contactos relatados na carta de Pero Vaz de Caminha nada mais foram do que uma tentativa gestual e uma constatação, por parte dos bandos da armada de Pedro Álvares Cabral, de que os índios tinham comportamentos diferentes (documento 5). Desconheciam certos animais domésticos, rejeitavam a comida que lhes era oferecida e o mesmo ocorria com o vinho. Mostraram apreciar os enfeites e colares, embora andassem nus. Mas a linguagem gestual apenas levava a conjecturas e suposições por parte dos brancos. (...) Na fase de colonização propriamente dita, quando os donatários, nomeadamente o de Pernambuco, procuraram implantar o cultivo da cana e o fabrico do açúcar, a mão-de-obra indígena tornou-se tanto mais necessária quanto a importação de escravos... (p.14)

Silva, Maria Beatriz Nizza da (1999). *História da colonização portuguesa no Brasil*. Lisboa: Colibri.



Cota: 821.134.3-1 TOR

António Vieira

Filho peninsular e tropical

De Inácio de Loyola,

Aluno do Bandarra

E mestre

De Fernando Pessoa,

No Quinto Império que sonhou, sonhava

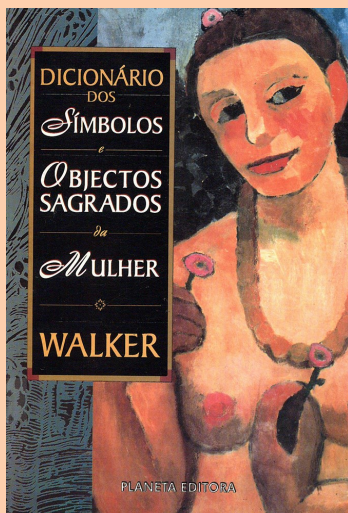
O homem lusitano

à medida do mundo.

E foi ele o primeiro.

Original

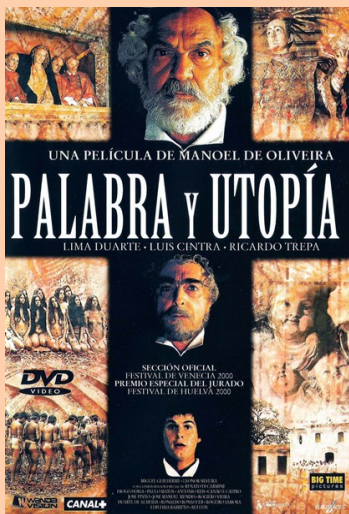
No ser universal... (p. 724)



Cota: 39(038) WAL

Não surpreendendo, o símbolo alquímico do sal era o mesmo que o símbolo do elemento Água: a linha do horizonte dividindo a porção superior e inferior do mundo. Como o próprio mar, o sal sempre foi venerado como um símbolo de purificação e renascimento. O sal foi provavelmente o primeiro meio de preservação de alimentos como a carne e o peixe a ser descoberto. O seu sabor é semelhante ao do sangue e do suor, sendo os dois fluidos identificados com o ventre que tudo produz. Os tronos dos deuses tinham muitas vezes formas cúbicas resultantes da observação de que «o sal da terra» forma cristais cúbicos. No Oriente, o símbolo tridimensional da Terra era o cubo. (p.491)

Walker, Barbara G. (2002). *Dicionário dos símbolos e objectos sagrados da mulher*. Lisboa: Planeta.



Cota: 791.227 OLI

ConTextos

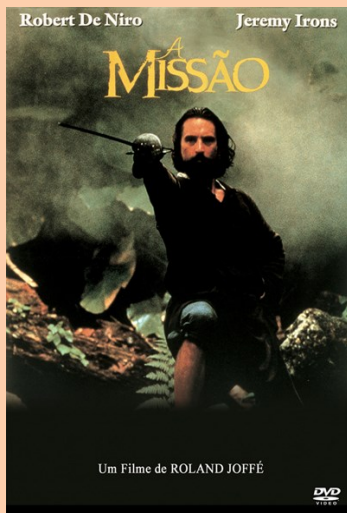
Em 1663, O Padre António Vieira é chamado a Coimbra para comparecer diante do Tribunal de Santo Ofício, a terrível inquisição. As intrigas da corte e uma desgraça passageira enfraqueceram a sua posição de célebre pregador jesuíta e amigo íntimo do falecido rei D. João IV.

Perante os juízes, o Padre António Vieira revê o seu passado: a juventude no Brasil e os anos de noviciado na Bahia, a sua ligação à causa dos índios e os seus primeiros sucessos no púlpito.

Impedido de falar pela inquisição, o pregador refugia-se em Roma, onde a sua reputação e êxito são tão grandes que o Papa concorda em não o retirar da sua jurisdição. A rainha Cristina da Suécia, que vive em Roma, desde a abdicação do trono, prende-o na corte

e...

Oliveira, Manoel de (2003). *Palavra e utopia [Filme]*. Lisboa: Lusomundo.



Cota: 791.224 JOF

América do sul, século XVIII. Portugal e Espanha decidem determinar as fronteiras na América do Sul a fim de limitarem o poder dos jesuítas e, eventualmente, procederam à sua expulsão. Para este trabalho é nomeado o Cardeal Altamiro, que deverá definir e organizar as fronteiras.

Quando um dos missionários é barbaramente assassinado na selva, o Padre Gabriel tenta contactar a perigosa tribo indígena responsável pelo crime. É lá que conhece Rodrigo Mendonza, um antigo mercenário negociante de escravos, cujos remorsos por ter morto o irmão o levaram a alterar completamente o seu modo de vida, fazendo agora parte da missão Iguazu.

Anos mais tarde, um novo trabalho é assinado em Madrid, onde fica oficialmente decidida a não expulsão...

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário